

PSICANÁLISE, PESQUISA E CIENTIFICIDADE

Natália de Andrade de Moraes¹; Mariana de Almeida Pfitscher¹; Vilson Carlos Simborski
Menezes¹; Cláudia Maria Perrone¹

¹Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Contato:
ntdandrade@gmail.com

Resumo: Parte-se da discussão acerca da marginalização da psicanálise no campo científico para questionar a heterogeneidade de tal campo, bem como a pertinência da adesão a um modelo único de ciência, quando está em jogo a dimensão do humano. Percorre-se pelo diálogo entre autores freudo-lacanianos sobre a atividade de pesquisa, e evidencia-se um desafio que extrapola os critérios da ciência e do positivismo: pensar a subjetividade humana.

Palavras-chave: psicanálise; positivismo científico; pesquisa

Introdução

As práticas de pesquisa em psicanálise enfrentam, ainda hoje, resistência no campo científico. Isso porque os cientistas a consideram uma hermenêutica, um sistema de interpretação *literária* dos desejos e dos afetos. Nesse sentido, caberia excluí-la do campo da ciência, ou repensá-la junto a outros campos (como a antropologia, a linguística, etc.) em função de uma “ciência verdadeira”, baseada na experimentação (ROUDINESCO, 2000).

Tal interpretação, contudo, restringe o campo da ciência a um único paradigma: o positivista. Neste, valoriza-se a construção do “conhecimento verdadeiro”, através de métodos científicos válidos, notadamente baseados na experimentação e na replicabilidade. No avesso dessa ordem discursiva, os fundamentos freudianos atentam ao que, referindo-se ao sujeito do inconsciente, escapa à generalização, produzindo traços singulares. Importa à psicanálise, portanto, o particular.

Partindo dessa breve introdução, busca-se, neste estudo, evidenciar a heterogeneidade do campo da ciência, no intuito de questionar os modos de produção do conhecimento dito científico, bem como a própria pertinência da adesão a um modelo único de pensamento. Considerando o campo a partir do qual a discussão é lançada, a saber, o das ciências humanas, ressalta-se a importância de tal questionamento: pode a dimensão humana conformar-se a um modelo imperativo e/ou absoluto de produção de saber?

Método

Trata-se de uma reflexão teórico-crítica, realizada a partir de livros e artigos científicos que contemplam a temática das relações entre psicanálise e pesquisa e/ou psicanálise e ciência (NETO; MOREIRA, 2010). Foram considerados autores contemporâneos cujas discussões contemplam a psicanálise freudo-laciana.

Resultados

A hegemonia do ideal positivista no pensamento científico produz certas tensões nesse campo, como o que ocorre à psicanálise. Nesta, trata-se de um estilo particular de pesquisa, uma lógica que subverte o ideal positivista e que, por isso, é em muitos momentos considerada “não científica” (ROUDINESCO, 2000).

No entanto, deve-se considerar a heterogeneidade dessa discussão, uma vez que o próprio conceito de ciência modifica-se segundo a perspectiva adotada. Para Dunker (2013), a psicanálise pode ser considerada uma ciência desde que esta não seja entendida como sistema completo, mas complexo. Assim, o critério de cientificidade não é a concentração de saber, mas a capacidade de errar, reinterpretar e criar problemas.

Roudinesco (2000) acrescenta que o critério de cientificidade de uma teoria depende tanto de sua aptidão para inventar novos modelos explicativos quanto de sua capacidade permanente de reinterpretar os modelos antigos em função de uma experiência adquirida. A conceituação dos autores em relação à ciência contrapõe precisamente o que o cientificismo pretende produzir como totalidade, o saber como verdade absoluta.

Por sua vez, a psicanálise parte do não-todo para dar conta de seus objetos de estudo/pesquisa, situando a falta como ponto primordial na construção do saber e na busca pela verdade. É assim que, tendo como pressuposto central o (sujeito do) inconsciente, ela faz contraponto ao método cartesiano: lá onde penso, não sou (ROSA; DOMINGUES, 2010). Assim, a pesquisa em psicanálise não se propõe a um anarquismo ingênuo ou à universalização de seu saber, mas considera a necessidade de vias de fuga nas regras que eternizam uma única forma de pensar o científico (COUTO, 2010).

Discussão

Em psicanálise, trata-se menos do trabalho com o indivíduo, e mais do trabalho com a noção de sujeito do inconsciente. Nesse sentido, enquanto o primeiro faz referência a uma pessoa indeterminada ou, ainda, àquele que não se divide (indivisível), a noção de sujeito remete ao que de mais particular se expressa no humano, apontando à dimensão inconsciente

e, portanto, à divisão constitutiva de todo sujeito. Lacan (1998) afirma que "não há ciência do homem porque o homem da ciência não existe, mas apenas seu sujeito" (p. 859). Nessa perspectiva, o cogito que determina o científico atual desconsidera as relações do sujeito que realiza a pesquisa, ou seja, desconsidera o inconsciente.

Nessa direção, o sujeito freudiano é aquele que é "habitado pela *consciência de seu próprio desapossamento*" (ROUDINESCO, 2000, p.70). É aquele que surge nos sonhos, nos lapsos e nas falhas, produções que apontam a um saber que, longe de existir por si mesmo, está à espera de ser narrado, construído. Esse saber, portanto, não prescinde de quem o produz, não sendo generalizável ou possível de reproduzir.

Conclusões

A partir do exposto, propõe-se que a utilização de modalidades diversas de determinação do objeto e do pesquisador-pesquisador faz-se necessária, sobretudo quando está em jogo a subjetividade humana. Nessa via, escapa-se ao dogmatismo e abre-se a possibilidade de compreensão da especificidade das ciências que, ao não se sobreporem ou se excluírem, permanecem marcadas pela diferença. Não se trata, portanto, de tornar ilegítimas certas práticas de pesquisa, mas de considerar a inexistência de um modelo único de ciência, baseado num único discurso de objetividade e linearidade de pensamento-ação.

Referências

COUTO, L.F.S. Quatro modalidades de pesquisa em psicanálise. In: NETO, F.K.; MOREIRA, J.O. *Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade*. Barbacena: Editora UEMG, 2010.

LACAN, J. *Escritos I*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

NETO, F.K.; MOREIRA, J.O. *Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade*. Barbacena: Editora UEMG, 2010.

DUNKER, C.I.L. *Psicanálise e Ciência: do Equívoco ao Impasse*. MPASP, 2013.

ROSA, M.D.; DOMINGUES, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicol. Soc.*, v.22, n.1, p.180-188, 2010.

ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.